

**SOBRE OS OPERADORES ONTOLÓGICOS DAS TEORIAS DE VIDA:
UM ENCONTRO ENTRE PSICOLOGIA SOCIAL E GEOGRAFIA CULTURAL**

Lucas Pacheco¹

Luciano Fiscina²

Resumo

Busca-se investigar como os grupos culturais utilizam operadores ontológicos em seus sistemas de interpretação de suas condições econômicas, resultando daí diferentes modelos de organização social. Trabalhamos com a hipótese de que a heterogeneidade semântica presente nas compreensões culturais da condição econômica da existência aponta para alguns operadores ontológicos que mediam os modelos de interpretação do mundo vivido. Assim, o objeto de nosso estudo são os fundamentos ontológicos que estruturam as teorias de vida e seus sistemas de significação. O objetivo deste trabalho, portanto, é refletir de que modo o universo semiótico media as estruturas de significados presentes em diferentes narrativas sobre as teorias de vida da existência. Concluímos com este estudo que as matrizes culturais de pensamento exprimem modelos de civilização e esquemas de percepção que são próprias de cada cultura, assumindo no imaginário uma espécie de paisagem pedagógica que se projeta na interface entre os campos da Psicologia Social e da Geografia Cultural.

Palavras-chave: Teorias de Vida. Psicologia Social. Geografia Cultural. Paisagem Pedagógica. Operadores Ontológicos.

Abstract

It seeks to investigate how cultural groups use ontological operators in their systems of interpretation of their economic conditions, resulting in different models of social organization. We work with the hypothesis that the semantic heterogeneity present in cultural understandings of the economic condition of existence points to some ontological operators that mediate the models of interpretation of the lived world. Thus, the object of our study are the ontological foundations that structure the theories of life and their systems of signification. The purpose of this work, therefore, is to reflect in what way the

¹ Discente do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Ribeira – FVR, Registro-SP.

² Professor doutor do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Ribeira – FVR, Registro-SP. psicologia@scelisul.com.br

semiotic universe mediates the structures of meanings present in different narratives about the life theories of existence. We conclude with this study that the cultural matrices of thought express models of civilization and perception schemes that are specific to each culture, assuming in the imaginary a kind of pedagogical landscape that projects itself in the interface between the fields of Social Psychology and Cultural Geography.

Keywords: Theories of Life. Social Psychology. Cultural Geography. Pedagogical Landscape. Ontological Operators.

Resumen

Se busca investigar cómo los grupos culturales utilizan operadores ontológicos en sus sistemas de interpretación de sus condiciones económicas, resultando de ahí diferentes modelos de organización social. Trabajamos con la hipótesis de que la heterogeneidad semántica presente en las comprensiones culturales de la condición económica de la existencia apunta a algunos operadores ontológicos que medían los modelos de interpretación del mundo vivido. Así, el objeto de nuestro estudio son los fundamentos ontológicos que estructuran las teorías de vida y sus sistemas de significación. El objetivo de este trabajo, por lo tanto, es reflejar de qué modo el universo semiótico media las estructuras de significados presentes en diferentes narrativas sobre las teorías de vida de la existencia. Concluimos con este estudio que las matrices culturales de pensamiento expresan modelos de civilización y esquemas de percepción que son propias de cada cultura, asumiendo en el imaginario una especie de paisaje pedagógico que se proyecta en la interfaz entre los campos de la Psicología Social y de la Geografía Cultural.

Palabras-Clave: Teorías de Vida. Psicología Social. Geografía Cultural. Paisaje pedagógico. Operadores Ontológicos

Introdução

Este trabalho tem como objeto os fundamentos ontológicos que estruturam as teorias de vida e seus sistemas de significação. Busca-se refletir de que modo o universo semiótico media as estruturas de significados presentes em diferentes grupos culturais.

Deste modo, parte-se da premissa de que as teorias de vida são desenvolvidas com influência dos fundamentos ontológicos presentes na relação que cada comunidade estabelece com o espaço. Vamos trabalhar com a hipótese de que a heterogeneidade

semântica presente nas compreensões culturais aponta para alguns operadores ontológicos que mediam os modelos de interpretação do mundo vivido.

Sendo assim, busca-se com este estudo investigar como os grupos culturais utilizam operadores ontológicos em seus sistemas de interpretação de suas condições econômicas, resultando daí diferentes modelos de organização social.

Entre as fontes de consulta dessa pesquisa, encontra-se o trabalho de Karsten Hundeide (1999), "Four Different Meanings of Being Poor", publicado na *Psychology Developing Societies*. Com o auxílio desse material, objetivamos discutir as estruturas ontológicas presentes na heterogeneidade semântica das culturas, procurando compreender de que modo diferentes sistemas de significação são construídos a partir de diferentes fundamentos ontológicos da existência.

Este estudo se desenvolve por meio de uma análise de caráter bibliográfico e exploratório, tendo por objetivo desenvolver uma referência analítica extraída do estudo entre psicologia social e geografia cultural

Com isso, vamos refletir de que modo os operadores ontológicos da existência mediam os sistemas de interpretação de mundo em diferentes contextos geográficos e contextos sócio-econômicos.

Vamos também refletir o papel do imaginário na produção de imagens que mediam a relação entre a sociedade e o ambiente para além da conjuntura econômica da existência material. Concluimos a análise com a aplicação do conceito de *paisagem pedagógica* do geógrafo francês Augustin Berque na compreensão das teorias de vida encontradas no estudo de Hundeide (1999), o que nos oferece uma compreensão de como as teorias de vida se estruturam socialmente a partir da relação de sentido que os grupos humanos estabelecem com os espaços que ocupam.

I – Sobre as teorias de vida presentes no estudo de Karsten Hundeide: uma análise dos fundamentos ontológicos como operadores de sentido.

Na obra "Four different meaning of being poor", de Karsten Hundeide (1999), o autor descreve como quatro diferentes grupos culturais atribuem diferentes significados às experiências cotidianas decorrentes de suas situações econômicas. O respectivo estudo

descreve uma comunidade em Begampur (Índia), outra em Simpruk (Indonésia), os habitantes das favelas de Nova York e um grupo de judeus do leste europeu.

Essas comunidades apresentam semelhantes situações de pobreza, no entanto, atribuem diferentes sistemas de significação e de referências simbólicas que estão presentes na cultura dos respectivos grupos estudados. Tais sistemas de significação estruturam diferentes matrizes de interpretação de suas próprias condições materiais. A pesquisa reforça a hipótese de que as teorias de vida são desenvolvidas por meio de fundamentos ontológicos da existência. Sendo assim, conforme mostra o autor, a estrutura de significação de cada comunidade media o modo como cada grupo cultural constrói uma teoria de vida.

De acordo com o estudo de Hundeide, (1999), as teorias de vida operam como estruturas de significação por meio das quais os indivíduos encontram soluções, explicações e significados para suas vivências cotidianas, as quais apresentam padrões de enfrentamento existencial e características ontológicas de natureza restritiva, pessimista, positiva e expansiva.

A característica ontológica de natureza restritiva incentiva a passividade e imobilidade do indivíduo perante sua própria vivência, inibindo as possibilidades de reconstrução de sua atual condição econômica. Os elementos culturais que restringem as crenças e determinam os comportamentos de aceitação da própria condição social também foram encontrados numa comunidade em Begampur, Índia e com os moradores de um gueto em New York. Os habitantes dessas comunidades acreditam que seus destinos foram predestinados e, independentemente dos seus esforços, nunca irão conseguir superar sua condição socioeconômica.

A ação restritiva característica nesses grupos denota o fundamento ontológico da teoria de vida de natureza fatalista. Assim, tal fatalismo determina uma aceitação coletiva diante da condição material e um desencorajamento culturalmente enraizado, o qual restringe as responsabilidades e as possibilidades existenciais de emancipação nesses grupos.

Observa-se que no fundamento ontológico de natureza restritiva, a base psicológica para desenvolver determinado enfrentamento existencial não se encontra presente nas teorias particulares de vida dos habitantes. Desse modo, independentemente de alguma intervenção social ou política, a condição material da pobreza se manifesta culturalmente e tende a se perpetuar.

A característica ontológica de natureza pessimista se constitui por concepções mais negativas sobre o mundo, como falta de esperança, sentimento de inferioridade, desmoralização, culpa e autodepreciação. O grupo cultural que apresenta características ontológicas pessimistas mais acentuadas são os habitantes das favelas de New York. Observa-se que as características ontológicas pessimistas formulam teorias de vida que acentuam o desenvolvimento de personalidades restritivas.

A comunidade americana é a que apresenta teorias de vida com menor potencial de desenvolvimento. Os sentimentos de culpabilidade e depreciação moral, intrínsecos em suas estruturas de significação, impossibilitam os habitantes de projetarem saídas e alternativas para suas situações econômicas. Por consequência, os integrantes dessa *cultura da pobreza* experienciam o que o autor chama de fatalismo material, caracterizado pela passividade individual para superar a situação presente muito também devido à pressão social que o grupo exerce sobre o indivíduo.

As características ontológicas de natureza otimista formulam teorias de vida que fortalecem as iniciativas de enfrentamento individual diante das adversidades presentes, fornecendo a esperança de superar as necessidades materiais.

Entre os quatro grupos culturais analisados, o grupo que apresenta características ontológicas otimistas mais acentuadas em suas teorias de vida são os judeus do gueto no leste europeu. Dentre os quatro, eles são os que melhor conseguem lidar moralmente com a adversidade socioeconômica que enfrentam, mantendo a visão humana e a crença de um futuro melhor através da esperança transcendental, sustentada pela estrutura religiosa.

Dessa forma, a teoria de vida dos integrantes dessa comunidade é mais ativa e positiva. A crença religiosa de que são “o povo escolhido por Deus” lhes confere uma forte esperança em um futuro melhor, ao mesmo tempo em que a valorização da

experiência da aprendizagem permite que seus moradores possam reconstruir positivamente sua condição de vivência material.

As características ontológicas de natureza expansiva orientam teorias de vida que constituem uma estrutura de enfrentamento existencial ativa. Sendo assim, integrantes de grupos culturais com essas características podem desenvolver habilidades pragmáticas, visando à reconstrução da vida material.

Como observamos, o grupo da religião judaica do leste europeu organiza teorias de vida mais ativas e otimistas quanto às adversidades enfrentadas pela condição econômica da existência. No entanto, a comunidade dos camponeses em Jacarta, apesar de esboçar tendências fatalistas e transcendentais, também apresentam características expansivas em suas estruturas existenciais. Sendo assim, é possível observar na comunidade em Jacarta algumas características expansivas, já que há, em seu sistema de interpretação, espaço para o esforço pessoal de mudança, o qual se mostra ausente na comunidade em Begampur.

O autor destaca que a atividade econômica está incluída na estrutura de significados atribuída pela comunidade judaica à sua própria condição material. Sendo assim, apesar das condições econômicas desfavoráveis, as teorias de vida contemplam orientações para ações expansivas, no entanto, tais teorias não deixam de incluir a ideia da predestinação em suas possibilidades existenciais.

II – As teorias de vida como paisagens pedagógicas.

Vale destacar o trabalho de Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, no qual discorre sobre o método da descrição densa - um modelo de registro qualitativo para o estudo dos grupos culturais, possibilitando o acesso às teias de significados que estruturam suas ações e seus sistemas simbólicos de interpretação de mundo.

Geertz (1989) propõe o estudo da cultura semiótica como ciência interpretativa dos sistemas de significação desenvolvidos no interior dos grupos culturais. Para o autor, todo comportamento humano é ação simbólica. Isso significa que a descrição de uma dada cultura passa por um sistema de significação.

O trabalho de Hundeide (1999) reforça o método etnográfico proposta por Geertz, tratando o universo semiótico dos grupos culturais como sistemas de significação estruturantes e estruturados por códigos simbólicos que definem a dimensão semântica e sintática da linguagem. As teorias de vida apresentam uma heterogeneidade semântica que media os modelos de interpretação da condição socioeconômica da existência material.

Assim, a etnologia, ciência que estuda o que é levantado pelo método etnográfico, tem a função de fazer emergir a lógica da cultura, uma vez que o saber antropológico se constrói com o registro, a função da etnografia. Aí está uma empreitada epistemológica para o trabalho etnográfico, trabalhar com um sistema de significação que relacione visão, olhar memória, imagem e imaginário, olfato, cores, formas, linguagem.

Como diz o geógrafo francês Augustin Berque (1999), retomando um ditado aristotélico, *forma dat esse rei - a forma dá o ser à coisa*. Assim, o autor retoma a definição aristotélica para enfatizar que a relação que as pessoas têm com a cidade forma a cidade e seu entorno geográfico, uma vez que o que dá forma à cidade é a presença humana no espaço geográfico.

Por sua vez, a presença humana é sempre uma ação simbólica. Neste sentido, o estudo da cultura é também um estudo geográfico e por sua vez também requer que incluamos em nossos sistema de referência a questão do imaginário como mediadora da relação humana com o espaço habitado.

Gilbert Durand (1979), propõe um estudo do imaginário, compreendendo-o como um *lugar de “entre saberes”*, uma espécie de museu que designa o conjunto de todas as imagens possíveis produzidas pela presença humana em seu espaço simbólico de vida.

De acordo com Durand (1979), o projeto da antropologia consiste em estudar o modo como as imagens se produzem, se transmitem, bem como a sua recepção. “O imaginário implica, portanto, *um pluralismo das imagens, e uma estrutura sistêmica do conjunto dessas imagens infinitamente heterogêneas, mesmo divergentes...*” (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009).

Neste sentido, é possível compreender os fundamentos ontológicos presentes nas teorias de vida observadas no estudo de Hundeide (1999) também como elementos produzidos por um imaginário coletivo que definem as modalidades de produção do espaço humano e de relação com este. Deste modo, as perspectivas teóricas presentes nas teorias de vida da existência apresentam modalidades de imagens que apontam para uma pedagogia do imaginário (Durand, 1979).

A ação do imaginário é inseparável da ação simbólica que o sujeito elabora sobre o mundo vivido materialmente e interpretado simbolicamente. De acordo com Durand (1979), a imaginação enquanto função simbólica revela-se como um fator importante de equilíbrio psicossocial

Neste sentido, Durand (1979) vai além e mostra como os mitos orientam as perspectivas pedagógicas das teorias de vida que se projetam a partir de uma mediação do imaginário entre o sujeito e seu espaço de vida. Ou seja, em todo trajeto antropológico encontramos produção de imagens que convergem no tempo sincrônico e diacrônico da história, o que indica o modo como os grupos se organizam espacial e geograficamente, assim como temporal e historicamente, a partir de uma estrutura de significados que é socialmente compartilhada.

Assim, este estudo compreende que os fundamentos ontológicos das teorias de vida incluem a questão do imaginário como mediadora dos fundamentos pedagógicos orientadores da relação entre sujeito e espaço de vida, assim como também incluímos o campo da geografia cultural como forma de compreender as formas de sentido que a sociedade dá a sua relação com o espaço.

A partir daí podemos pensar o conceito de paisagem em Berque como a formas de relação que as pessoas estabelecem com o meio. Assim, a noção de paisagem é tratada como a relação entre o indivíduo e o ambiente, o que podemos chamar em termos geográficos de *volume do espaço*. Ou seja, as relações são caracterizadas pelas propriedades geométricas, topológicas, projetivas, temporais, simbólicas (Holzer, 2004).

Dessa forma, podemos pensar os fundamentos ontológicos das teorias de vida a partir do conceito de paisagem pedagógica inerente ao campo da geografia cultural. Partindo deste conceito, aprofundamos a reflexão no sentido de pensarmos tais

fundamentos como matrizes de pensamento que exprimem modelos de civilização e, ao mesmo tempo, esquemas de percepção e de ação que são próprios da cultura. Esses esquemas caracterizam a relação da sociedade com o espaço, no qual está incluída a noção que temos de natureza.

O lugar geográfico, como diz La Blache (s/d), é produto humano na medida em que as civilizações migram, criam mudanças, transformam e, assim, são causas temporais diversificadas de uma mesma história global. Nesse sentido, o fundamento ontológico operado a partir de uma paisagem pedagógica se coloca como elemento fundador da relação das sociedades com seus espaços geográficos e com os tempos da história.

Conclusão

De acordo com Florestan Fernandes (1972), “a psicologia social constitui uma matéria híbrida, situada em um ponto de confluência da psicologia, da sociologia e da antropologia”³, tal *hibridismo* seria, “necessariamente, marginal e interdisciplinar”⁴. A partir dessa compreensão, a psicologia social subtende a interação humana mediante a “diversidade de sociedades, culturas, valores e modos de vida” (TASSARA, 2007).

Desse modo, a meta epistemológica deste estudo foi traçar uma reflexão sobre a relação entre teorias de vida, identidade, espaços de vida, partindo da conjuntura econômica da existência humana. Este campo de trabalho também abre a reflexão sobre os outros eixos estruturantes das teorias de vida, tais como a poética, a estética, o mitológico, o político, embora não apareçam neste estudo.

Neste trabalho enfatizamos a análise das teorias da existência, compreendendo-as a partir da relação de sentido que as comunidades estabelecem com seu espaço. Ao analisar a origem dos atributos que conferem sentido às narrativas, observamos que tais atributos se apresentam como ontologias circunscritas numa dimensão espaço-temporal.

Essa ontologia se estrutura por fundamentos da existência de ordem cultural, variando, portanto, conforme os diferentes espaços de vida. Essa heterogeneidade semântica se projeta a partir da mesma condição material observada, ou seja, o sistema

³ Florestan Fernandes, *Comunidade e Sociedade no Brasil. Leituras Básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*, p. XI.

⁴ *Ibid*, p. XI.

de interpretação da condição existência não é produzido a partir da relação com a atividade econômica.

Ao buscarmos quais os fatores que determinariam a ordem das narrativas apresentadas no estudo de Hundeide (1999), encontramos nos estudos sobre o imaginário pedagógico de Gilbert Durand (1979) o sistema simbólico estruturante dos esquemas de ação e de percepção de mundo, no qual cada comunidade projeta originalmente suas imagens sobre a civilização e seus modelos de organização social.

Assim, observamos também que o imaginário projeta imagens orientadoras que também definem uma paisagem de vida, assim como um modelo de existência, no qual se inclui as possibilidades emancipatórias de cada comunidade, assim como as formas como se organizam socialmente.

Assim, o encontro entre psicologia social e geografia cultural acontece na mesma fronteira, não tratando de objetos independentes, mas de um campo de tensão e confluências de um amplo conjunto de saberes que se entrecruzam e o caracterizam como necessariamente interdisciplinar.

Desse modo, na fronteira entre geografia cultural e psicologia social coexistem os fundamentos ontológicos das teorias de vida, os quais atribuem sentido às experiências humanas e são assimilados aos esquemas de interpretação do mundo. Assim, compreendemos que as teorias de vida existentes nos modelos culturais de interpretação e do pensamento.

Conclui-se com este trabalho que as teorias de vida se estruturam socialmente a partir da relação de sentido que os grupos humanos estabelecem com o espaço que ocupam. Os fundamentos ontológicos da existência, então, se apresentam como operadores de sentido nos sistema de interpretação de mundo.

Em consequência, tais sistemas de interpretação estão circunscritos em contextos geográficos e históricos específicos, o que faz com que cada teoria de vida seja construída a partir de uma relação espaço-temporal que os sujeitos estabelecem com o meio. Observamos, assim, que o universo semiótico presente nos grupos culturais é preenchido por fundamentos ontológicos que dão sentido à relação que as comunidades estabelecem

com seus espaços de vida, derivando daí diferentes modelos de organização social frente aos mesmos enfrentamentos materiais.

Ao longo deste trabalho, buscamos observar a hipótese de que a heterogeneidade semântica presente nas compreensões culturais aponta para alguns operadores ontológicos que mediam os modelos de interpretação do mundo vivido. A partir das contribuições de Durand (1979), encontramos na esfera do imaginário pedagógico a origem dos fundamentos ontológicos estruturantes dos sistemas simbólicos de interpretação de mundo e das teorias de vida.

As modalidades de relação com o espaço projetam imagens de mundo que acompanham as matrizes culturais de pensamento sobre como cada comunidade percebe sua própria condição material de vida. Neste sentido, o imaginário se apresenta como instância simbólica mediadora da relação que os sujeitos estabelecem com seus espaços geográficos.

Essas matrizes de pensamento exprimem modelos de civilização e, portanto, de organização social e esquemas de percepção e de ação que são próprios de suas culturas de origem. Esses esquemas caracterizam a relação da sociedade com o espaço. Desse modo, é possível retirar dos fundamentos ontológicos presentes nas teorias de vida uma paisagem pedagógica, em outros termos, matrizes de pensamento que projetam imagens orientadoras do mundo circunscritas por contextos culturais, geográficos e históricos.

O estudo do imaginário se apresenta como uma instância psíquica estruturada culturalmente e a partir da qual é possível observar as imagens que orientam os modos da presença humana ocupar e transitar em seus espaços materiais e simbólicos de vida.

Como observamos no estudo de Hundeide (1999), essas imagens coexistem simultaneamente na ordem do tempo histórico, produzindo sistemas heterogêneos e divergentes de interpretação das condições materiais da existência.

Desse modo, o espaço material e simbólico de vida não é definido pelas condições econômicas da existência, mas por elementos culturais presentes no imaginário que fundamentam e dão sentido à relação que as sociedades estabelecem com seus espaços geográficos e com os tempos da história.

Referências

- ARAÚJO, Alberto Filipe & TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. “Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário”. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, 44 (4, out./dez. 2009): 7-13.
- BERQUE, Augustin. « La trajectivité des formes urbaines. Conférence donnée au colloque *Paisagem e arte*. Sao Paulo (6 septembre 1999). In Paru dans ANGOTTI-SALGUEIRO, Helena (dir). *Paisagem e arte / Paysage et art / Paisaje y arte / Landscape and art*, Sao Paulo, Comité Brasileiro de Historia de Arte, 2000, p. 41-52.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Arcádia, 1979.
- FERNANDES, Florestan. “Introdução”. In *Comunidade e Sociedade no Brasil: Leituras Básicas de Introdução ao Estudo Macro-Sociológico do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Universidade de São Paulo, 1972.
- GEERTZ, Clifford, 1989. “Descrição densa: por uma teoria interpretativa das culturas”. In *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, p. 13-41.
- HUNDEIDE, karsten. “Four different meanings of “being poor”. *Psychology developing societs*; (1999).
- LA BLACHE, Paul Vidal de. *Principes de géographie humaine*. Document électronique. Institut National de la Langue Française (InaLF), s/d.
- HOLTZER, Werther. “Augustin Berque: um trajeto pela paisagem”. *Espaço e Cultura*. UERJ. 17, 18 (jan./dez. 2004): 55-63.

Artigo recebido: 20/06/2018

Artigo aprovado em: 20/07/2018

Número de ISBN

978-85-66848-18-2